

2018, o ano em que a retomada ficou só na expectativa

Informalidade e empreendedorismo foram as saídas para lidar com crescimento abaixo do esperado e desemprego alto

CÁSSIA ALMEIDA
cassia@oglobo.com.br

A esperada reação mais forte da economia em 2018 não veio. Empregos com carteira assinada, também não. A frustração foi rotina neste ano de incertezas, que impediram que o Brasil crescesse mais. Anselmo Teixeira Filho vende quentinhas na Zona Sul. Faz isso desde 2014, quando a recessão, que começou naquele ano, e o efeito Uber fizeram despencar o número de corridas em seu táxi. Ele avalia que o ano não foi bom, com queda nas vendas. Para ele, desemprego alto e fechamento de lojas prejudicaram o movimento.

— Era taxista no Aeroporto Santos Dumont e levava minha quentinha. Os colegas começaram a perguntar quem fazia, e foi assim que me tornei vendedor de quentinhas.

O trabalho informal como o de Anselmo, de 40 anos, formado em administração de empresas, sustentou a economia brasileira neste último ano. De outubro de 2017 até setembro de 2018, 1,329 milhão de trabalhadores conseguiu uma ocupação, mas 81% deles só se encaixaram na informalidade, trabalhando sem CNPJ ou carteira assinada. Este último grupo de empregados formais perdeu 328 mil trabalhadores só este ano. Desde 2014, quase quatro milhões perderam o emprego com carteira.

Assim, os R\$ 4 bilhões de massa salarial trimestral gerados a mais em 2018 frente a 2014 vieram exclusivamente dos salários de trabalhadores sem carteira assinada e por conta própria. A soma dos salários dos trabalhadores formais da iniciativa privada caiu R\$ 7 bilhões nesses quatro anos de crise e estagnação

da economia.

— O mercado de trabalho sofreu de maneira bastante expressiva os efeitos da crise. O mercado se informalizou. Isso tira a estabilidade das famílias, o que é fundamental para manter um ciclo virtuoso na economia. As famílias deixam de comprar, de reformar a casa, de viajar. Quem sabia dirigir e tinha carro foi para o Uber. Quem tinha talento para cozinha foi vender quentinhas. Ou pegou uma caixa de doces para vender na rua. A rua é melhor espelho dessa crise — afirma Cimar Azeredo, coordenador de Trabalho e Rendimento do IBGE.

Com a crise, o número de ambulantes que vendem comida subiu de 87 mil no primeiro semestre de 2014 para mais de meio milhão no terceiro trimestre deste ano, alta de 500%.

MAIS DESIGUALDADE

Ser vendedor de quentinhas foi a maneira que Anselmo encontrou para sustentar a família, que também trabalha no empreendimento: a mulher, a mãe e a sogra fazem a comida que ele vende. Aprimorou o negócio nos últimos anos e o carro, com as caixas de isopor. Ele agora tem clientes fixos, cartão fidelidade e até já esteve no iFood. Caminho inevitável num país em que mais dez milhões de pessoas passaram a usar a internet, apenas num ano, somando 126 milhões de internautas de celular, o meio mais acessado para usar a rede, informou o IBGE este mês.

Mesmo usando todos os artifícios possíveis, as vendas de Anselmo estacionaram e até caíram. Chegava a vender de 120 a 130 quentinhas, mas esse número atualmente oscila entre 80

e cem unidades:

—A economia caiu bastante. A clínica que funcionava aqui perto fechou, e muitos ficaram desempregados.

A recuperação que se esperava em fins de 2017 não se confirmou. Os primeiros números deste ano já mostravam o crédito ainda travado, com indústria, comércio e serviços em ritmo lento. A greve dos caminhoneiros, em maio, abortou de vez uma reação mais forte da atividade, com a economia paralisada, refém das estradas ocupadas.

—Houve uma frustração. No segundo trimestre de 2016 (com o país ainda em recessão), o rendimento do trabalho caía 5,8%. Um ano depois, subia 2%. Isso mostra uma recuperação forte da renda. Depois, desacelerou. O avanço baixou para 1,6%. A greve dos caminhoneiros abortou ainda mais essa retomada anunciada —afirma o economista Marcelo Neri, diretor da FGV Social.

O sentimento de frustração ficou mais forte com a crise fiscal nos estados, que se refletiu na segurança pública, aumen-

tando a insegurança e o medo da violência urbana, nos serviços de saúde com fechamento de unidades, falta de médicos e medicamentos. A crise fiscal mostrou seus efeitos na conservação das cidades. Foi o ano em que dois viadutos em grandes cidades — São Paulo e Brasília —desabaram.

Foi um ano em que a desigualdade, neste país que figura entre os dez mais desiguais do mundo, subiu. Com isso, o bem-estar da população, medido pela variação da renda dividido pelos índices de desigualdade, subiu pouco.

—A desigualdade está subindo bastante, com os mais pobres perdendo mais, deixando um sabor amargo ainda pior —diz Neri.

Mesmo assim, o economista projeta suave queda na pobreza este ano, de 11,18% para 10,95%, o que representa menos 400 mil pessoas nessa situação:

—É muito pouco para um ano eleitoral. O Brasil vai precisar fazer ajuste fiscal, portanto, essa melhora não tem perspectiva de continuidade. Mesmo com o

reajuste no valor do Bolsa Família que foi feito este ano, o programa atingiu menos famílias. Deveria ter sido expandido para aliviar os efeitos da crise.

JUROS E INFLAÇÃO BAIXOS

Outros indicadores econômicos tiveram desempenho melhor. A inflação ficou contida e deve terminar o ano abaixo de 4%. Os juros básicos estão no patamar mais baixo desde a estabilização da moeda, em 1994: 6,5% ao ano, o que poderia impulsionar o crédito e fazer a atividade econômica andar mais rapidamente. Mas não foi isso que aconteceu. Pelas projeções dos analistas de mercado, o Produto Interno Bruto (PIB) deve crescer 1,3% em 2018. O resultado oficial será divulgado pelo IBGE no fim de fevereiro de 2019.

Apesar desses indicadores positivos, Luiz Rabi, economista da Serasa Experian, não considera 2018 um ano bom:

—Temos 12 milhões de desempregados e a inadimplência em novembro chegou a 62,4 milhões, um recorde histórico. Somente

este ano foram mais de 2 milhões. São pessoas que estão devedoras de quatro credores, com dívida média de R\$ 4 mil. Mesmo com juro baixo, se não tem renda, se está desempregado, não tem como negociar.

Segundo Rabi, as vendas até cresceram (2,7% no varejo, nos últimos 12 meses até novembro) porque a economia não “andou para trás, mas anda com freio de mão puxado”:

—Foi um ano em que poderíamos ter crescido até 3%, que o desemprego poderia ter caído muito mais. Foi um ano de frustração.

Anselmo conseguiu ficar fora das listas de inadimplentes com a renda de R\$ 6 mil que diz obter com as quentinhas. E ainda conseguiu separar dinheiro para viagem com a família, formada por três filhos e um neto, para Porto Seguro. Mas vender quentinhas não é a vida que ele pretende ter no futuro:

—É um trabalho muito cansativo. Começamos às 4h30m, de domingo a domingo. Não quero emprego com carteira assinada. Quero trabalhar para mim mesmo criando sites.

8 FATOS QUE MARCARAM A ECONOMIA E OS NEGÓCIOS EM 2018

1

Reforma da Previdência adiada

Em fevereiro, o presidente Michel Temer anunciou a intervenção federal na segurança pública do Estado do Rio. Com isso, a tramitação da reforma da Previdência, a medida mais esperada pelos agentes econômicos para equilibrar as contas públicas, foi automaticamente suspensa no Congresso. A Constituição proíbe tramitação de emendas constitucionais, como a da Previdência, quando há intervenção federal.

2

Greve de caminhoneiros para o país

Em 21 de maio, caminhoneiros iniciaram uma greve que parou o país por dez dias. Protestando contra a alta diária do diesel, a categoria fechou as principais rodovias do país. O movimento, que teve apoio de transportadoras, ganhou força e provocou desabastecimento. Os preços da gasolina e de frutas e legumes dispararam. Indústrias pararam sem componentes. O governo cedeu. Tabela o frete e deu subsídio ao óleo diesel.

3

Boeing faz acordo com Embraer para criar empresa

Em julho, Boeing e Embraer anunciaram acordo para formar uma empresa de US\$ 4,75 bilhões (reavaliada este mês em R\$ 5,2 bilhões) a partir da área de jatos comerciais da brasileira, com a americana detendo 80%. A área militar ficou fora. O negócio, no entanto, depende de aprovação do governo — tarefa que caberá a Jair Bolsonaro — e ainda enfrenta ações na Justiça, principalmente de sindicatos de trabalhadores.

4

Recuperações judiciais disparam

O Brasil deve fechar o ano com o maior número de empresas em recuperação judicial em uma década: 1.280, segundo previsões. Nesse grupo, estão o aeroporto de Viracopos, a empresa de cosméticos Contém 1g e a fabricante de refrigerantes Dolly. As livrarias também foram afetadas. A rede Laselva, que atuava em aeroportos, faliu em março. A Livraria Cultura entrou em recuperação judicial em outubro e a rede Saraiva, em novembro.

5

*Sancionada lei
geral de proteção
de dados*

O governo sancionou em agosto a Lei Geral de Proteção de Dados. Nela, é considerado dado pessoal qualquer informação que identifique uma pessoa. Ficam protegidos dados sensíveis, como informações sobre etnia, opinião política e religiosa, filiação a sindicatos ou organizações religiosas, sobre a saúde, dados genéticos ou biométricos. Anteontem, o governo criou a Autoridade Nacional de Proteção de Dados, para fiscalizar a execução da lei.

6

*Executivo
brasileiro é preso
no Japão*

O executivo Carlos Ghosn, um dos mais prestigiados brasileiros no exterior, que presidia a aliança entre Nissan e Renault, foi preso no Japão em novembro, por fraude fiscal. Ele é acusado de ter omitido US\$ 44 milhões em suas declarações de renda entre 2010 e 2015. O executivo também é suspeito de usar recursos da empresa para fins pessoais, como imóveis. Ele deve ficar preso, pelo menos, até 1º de janeiro.

7

*Mercado de aéreas
aberto aos
estrangeiros*

No início deste mês, o governo abriu o mercado de aviação comercial a investidores estrangeiros por meio de medida provisória. Até então, só era permitido 20% de capital estrangeiro nas aéreas brasileiras. O anúncio veio logo depois de a Avianca Brasil pedir recuperação judicial. O governo diz que a medida facilita financiamento para o setor, mas nem todas as empresas foram a favor. A Azul disse temer concorrência desequilibrada.

8

*Fundos cambiais
foram a melhor
aplicação do ano*

Guerra comercial entre Estados Unidos e China e as incertezas sobre os movimentos do futuro governo em relação à reforma da Previdência e ao ajuste fiscal fizeram o dólar se valorizar mais de 16% este ano. A moeda americana chegou a custar R\$ 4,20. Os fundos cambiais, lastreados na moeda, foram a melhor aplicação do ano, com alta de 20% no ano. A Bolsa também não decepcionou. Os fundos de ações subiram quase 14% em 2018.



Sobrevivência com quentinhas. Anselmo Teixeira vende de 80 a cem quentinhas por dia, o que garante o sustento da família: "é um trabalho cansativo"